

# Capital social e a força dos laços sociais: perspectivas macrossociais a partir do estudo de uma rede de relações no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte<sup>1</sup>

Joyce Gesuilo  
Gonçalves

Graduanda do Curso  
de Ciências Sociais /  
PUC Minas

**RESUMO:** O estudo de Mark S. Granovetter sobre a força dos laços sociais apresenta a análise de redes sociais como uma ferramenta capaz de aliar as perspectivas micro e macrossocial. Este artigo parte dessa afirmativa para discutir a importância de se considerar a combinação de laços fortes e fracos para a composição do conceito de capital social, quando tratado como recurso que facilita a ação e os ganhos coletivos. Com esse intuito é apresentada a análise da rede de relações sociais identificada no bairro Primeiro de Maio, região norte de Belo Horizonte.

**ABSTRACT:** Mark S. Granovetter's study about the strength of social ties presents the social network analysis as a tool capable of joining micro and macro-social perspectives. This paper takes that into account and intends to discuss the importance of combining strong and weak ties in the composition of the social capital concept, when treated as a resource to facilitate collective action and gains. The analysis of the social relationships network identified at the Primeiro de Maio district, northern region of Belo Horizonte, is also presented.

## Introdução

Como se estruturam os contatos sociais entre múltiplos atores, qual a função de cada forma de contato e os possíveis benefícios por eles proporcionados são questões caras a grande parte das teorias sociológicas. Entre elas destacam-se as teorias sobre o capital social e as redes sociais. Este artigo contempla parte dessa discussão teórica a fim de aplicá-la ao estudo de uma rede de relações identificada empiricamente no bairro Primeiro de Maio, região norte de Belo Horizonte. A identificação dessa rede tem origem na problemática da pesquisa da qual deriva este artigo. Essa pesquisa visou compreender o papel do capital social da comunidade da sub-bacia do córrego Primeiro de Maio para o desempenho das obras do Programa de Recuperação Ambiental da Prefeitura de Belo Horizonte (Drenurbs) realizadas no córrego que nasce nessa região. A discussão abordada neste artigo, no entanto, concentra-se na análise dos papéis dos laços sociais existentes na rede identificada, tendo como base as teorias de capital social e a discussão sobre a força dos laços sociais proposta por Granovetter (1973).

A teoria sobre o capital social ainda não o apresenta como um conceito unívoco ou acabado, entretanto, é recorrente a importância dada aos trabalhos de Bourdieu (1998), Coleman (1988) e Putnam (2002), como marcos do desenvolvimento da teoria e pesquisa acerca do tema. A primeira seção deste artigo discutirá, portanto, as abordagens de Bourdieu, Coleman e Putnam, bem como interpretações das obras desses autores. Na seção sobre redes sociais será discutida a importância de analisá-las como complementares ao conceito de capi-

tal social, como apontam Prates, Carvalhaes e Silva (2007). Essa discussão norteará a seção seguinte, a qual apresenta a técnica de identificação da rede de relações aqui problematizada e a análise da estrutura e função dos laços sociais nela presentes.

## Capital social: delimitação do conceito

Sobre as origens do conceito, Putnam (2003) afirma que a expressão "capital social", com o sentido próximo ao que se entende hoje, foi cunhada pela primeira vez em 1916 por Lyda Judson Hanifan, educador norte-americano. O objetivo de Hanifan, como afirma Putnam, era comprovar que os graves problemas sociais, econômicos e políticos de algumas comunidades do estado da Virgínia do Oeste eram consequência da falta de compromisso comunitário entre seus moradores. Nesse sentido, Hanifan descreve o capital social como sendo:

*"...esses elementos tangíveis [que] contam sumamente na vida diária das pessoas, a saber, a boa vontade, a associação, a simpatia e as relações sociais entre indivíduos e famílias, características constitutivas da unidade social" [...] "Abandonado a si mesmo, o indivíduo é socialmente um ser indefeso" [...] "Mas se entra em contato com seus vizinhos, e estes com novos vizinhos, será produzida uma acumulação de capital social que poderá satisfazer de imediato suas necessidades sociais e produzir possibilidades sociais suficientes para melhorar substancialmente as condições de vida*

<sup>1</sup> Este artigo deriva da Pesquisa de Iniciação Científica: "Cooperação pelas águas: o papel do capital social para o desempenho das ações do Drenurbs na comunidade do córrego Primeiro de Maio em Belo Horizonte", financiada pela FAPEMIG e realizada no curso de Ciências Sociais da PUC Minas sob orientação da professora Matilde de Souza.

de toda a comunidade." (HANIFAN apud PUTNAM, 2003, p. 10, tradução livre)<sup>2</sup>

Putnam (2003) afirma que, apesar de já conter elementos essenciais do conceito de capital social, essa definição não suscitou grandes preocupações durante as sete primeiras décadas do século XX. Os trabalhos de Bourdieu (1998) e Coleman (1988) na década de 80 foram os principais marcos conceituais e, para parte da literatura sobre o assunto, os precursores dos estudos do capital social.

Conforme Aquino (2000), apesar de possuírem pontos de partida distintos, as teorias sobre capital social de Bourdieu (1998) e Coleman (1988) produziram conceitos semelhantes. O capital social é entendido pelos dois autores como recursos que possibilitam ações e ganhos coletivos. A posse desses recursos é o principal ponto de divergência entre suas formulações. Para Coleman esses recursos são coletivos, pertencendo à rede de relações na qual o ator está inserido, esta rede pode lhe proporcionar condições maiores ou menores para a obtenção de ganhos coletivos. Para Bourdieu o capital social é uma posse individual ligada às características pessoais do ator que o tornam apto, em maior ou menor grau, para alcançar seus objetivos mediante a ação grupal. Entende-se que para Coleman (1988) a localização do capital social nas relações entre os indivíduos permite que todos os membros da comunidade compartilhem do seu estoque e contribuam na sua produção. Em Bourdieu (1998), no entanto, há níveis diferentes de capital social entre os atores de uma mesma coletividade, o que faz com que aqueles que possuem maior capital social alcancem mais benefícios do que aqueles que possuem menos ou não o possuem.

Aquino (2000) elucida com isso as questões-chaves que embasam o pensamento desses autores: para Bourdieu a pergunta central é "por que determinado indivíduo consegue ocupar na sociedade uma posição com a qual um outro indivíduo não chegou sequer a sonhar?", já para Coleman a pergunta é "por que comunidades com recursos econômicos e humanos semelhantes têm capacidades diferentes de resolver seus problemas pela ação coletiva?" (AQUINO, 2000, p. 25). Em resposta a essas perguntas distintas os autores chegam ao consenso da existência de recursos disponíveis apenas na convivência grupal, mesmo que esses beneficiem a todos ou só a alguns. A conclusão sobre o que seriam esses recursos, o capital social, é estabelecida da seguinte forma por Bourdieu:

*"O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de reconhecimento" (...). "O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse de cada um daqueles a quem está ligado."* (BOURDIEU, 1998, p. 67)

A conceituação de Coleman (1988) sobre o que seria o capital social é evidenciada, por sua vez, nas seguintes considerações:

*"O capital social é definido por sua função. Não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades com dois elementos em comum: todas elas consistem de algum aspecto de estruturas sociais e elas facilitam certas ações de atores — pessoais ou corporativos — dentro da estrutura. Da mesma maneira que outras formas de capital, o capital social é produtivo tornando possível a realização de certos fins que na sua ausência não seriam possíveis."* (COLEMAN, 1988, p. S98, tradução livre)<sup>3</sup>

A compreensão dessas primeiras teorias do capital social proporciona a elucidação da base conceitual trabalhada até os dias atuais. D'Araújo (2003), no entanto, ressalta que a temática do capital social suscitou maior interesse acadêmico apenas a partir de 1993, com a publicação de *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*<sup>4</sup>, resultado de uma densa pesquisa realizada por Robert Putnam e sua equipe na Itália. Putnam (2002) teve como objetivo compreender porque comunidades com características políticas e institucionais idênticas possuíam desenvolvimento social e econômico distintos. A Itália havia passado por uma reforma democrática, com a criação de instituições descentralizadas, e já possuía uma distinção cultural entre o norte e o sul do país. Isso representava, segundo Putnam, um objeto de estudo com características ideais para sua análise.

Ao longo de sua pesquisa, Putnam detectou que as instituições criadas pelo governo tinham maior eficiência no norte da Itália do que no sul, e atribuiu isso aos sistemas de organização horizontal existentes em maior número no norte do país. Por essa razão, o autor considerou que essa região favorecia o comportamento cooperativo e a classificou como uma comunidade mais cívica do que o sul. Diante disso, e das postulações clássicas sobre os dilemas da ação coletiva, Putnam (2002) se perguntou qual fator seria determinante para produzir ações cooperativas. O capital social foi a resposta do autor a esse questionamento. Para ele, essa forma de capital diz respeito a características da organização social como sistemas de participação, normas e confiança, que contribuem para aumento da capacidade de cooperação entre os indivíduos.

Para exemplificar a natureza coletiva dos ganhos obtidos cooperativamente, Putnam compara a atitude cooperativa, produzida pelo capital social, aos grupos de canto coral. A partir dessa analogia entende-se que o sucesso de um coral resulta do talento de cada um dos seus participantes e não pode ser atribuído a um dos seus cantores em particular. O sucesso do coral é, portanto, resultado de talentos individuais, mas existe apenas a partir da junção dos mesmos, não sendo possível a distinção, de forma individual, daqueles que receberão seus

<sup>2</sup> ...esos elementos tangibles [que] cuentan sumamente en la vida diaria de las personas, a saber, la buena voluntad, la camaradería, la comprensión y el trato social entre individuos e familias, características constitutivas de la unidad social [...] Abandonado a sí mismo, El individuo es socialmente un ser indefenso [...] Pero si entra en contacto con sus vecinos, y éstos con nuevos vecinos, se producirá una acumulación de capital social que podrá satisfacer de inmediato sus necesidades sociales y producir unas posibilidades sociales suficientes para mejorar de forma sustancial las condiciones de vida de toda la comunidad.

<sup>3</sup> Social capital is defined by its function. It is not a single entity but a variety of different entities, with two elements in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors — whether persons or corporate actors — within the structure. Like other forms of capital, social capital is productive, making possible the achievement of certain ends that in its absence would not be possible.

<sup>4</sup> Originalmente sob o título: *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*.

méritos. Da mesma forma, o capital social não é um atributo individual dos membros de um grupo, ele existe a partir de suas relações, sendo, portanto, intersubjetivo. Por outro lado, ele depende de características e disposições individuais, como confiança, internalização de normas e valores e predisposição à cooperação. Sendo assim, é a relação entre os membros de uma coletividade que pode tornar possível, ou não, a produção do capital social. Esse, por sua vez, contribuirá para o sucesso das ações empreendidas pelo grupo, proporcionando o compartilhamento dos benefícios que possam ser conquistados.

### Capital social e redes sociais: conexões possíveis

A compreensão do capital social como elemento das relações abre questionamentos sobre a estrutura e funcionamento dessa situação relacional. As formulações de Bourdieu e Coleman especificam essas relações afirmando que o capital social correlaciona-se com a "posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento" (BOURDIEU, 1998, p.67) ou com a formação de redes de confiança, no caso dos estudos de Coleman (1988). Segundo Portugal (2007) a teoria de capital social de Coleman já promovia a união do conceito de redes a essa forma de capital, ao afirmar que o capital social localiza-se nas relações entre as pessoas. Para Prates, Carvalhaes e Silva (2007), a proliferação dos dois acarretou certa confusão entre os termos, sendo considerados, por vezes, redundantes. Esses autores mostram, no entanto, que a junção dos termos, guardando suas particularidades, promove explicações mais abrangentes para o fenômeno da ação coletiva.

Os estudos sobre as redes sociais, assim como sobre o capital social, possuem construções distintas. Entre elas têm ganhado destaque os trabalhos de Granovetter (1985; 1973) e Castells (2005), ambos com importantes contribuições para a compreensão sobre a organização das relações sociais na sociedade moderna. Castells (2005) conceitua rede como sendo a ligação entre "nós", sejam estas pessoas, gangues, empresas, Estados ou outras formas sociais. A idéia de ligação ou conexão é a característica incontestável das redes, no entanto, diferentes estudos depositam maior ou menor preocupação quanto ao caráter horizontal desses laços. Dessa forma, o conceito de redes sociais oscila entre delimitações mais valorativas ou mais instrumentais. Para relacionar as redes sociais ao capital social a literatura tem utilizado largamente os estudos de Granovetter, o qual trata as redes como uma ferramenta de análise sociológica.

De acordo com Granovetter (1985) tomar as redes de relações como unidades de análise sociológica é um meio eficaz e desejável para que se supere a dicotomia entre individualismo e coletivismo. Para o autor os indivíduos agem

de acordo com a rede de relações na qual estão inseridos e não apenas por um cálculo racional à parte das relações sociais, como defende a tradição utilitarista; ou pelas pressões dos costumes, hábitos e normas da sociedade. Da mesma forma, Degenne e Forsé citados por Marteleto (2001), afirmam que a análise das relações entre os indivíduos deve preceder qualquer outra categorização, visto que os comportamentos e as opiniões individuais estão atrelados à estrutura de relações à qual pertence o indivíduo. Os estudos das redes sociais partem, portanto, desse postulado de Granovetter (1985), o qual introduziu a utilização do estudo das relações sociais como ponto de partida e condutor analítico das análises sociológicas.

A compreensão dessas relações já havia sido detalhada por Granovetter (1973) em seu trabalho sobre a força dos laços sociais, no qual o autor distingue três tipos de ligação dentro das redes: forte, fraca ou ausente. Os laços fortes são caracterizados por situações de conhecimento face a face com grande periodicidade e intensidade, incluem, portanto, as amizades e relações familiares. O contato menos frequente e com menor proximidade, como entre pessoas que são apenas "conhecidos"<sup>5</sup>, constitui os laços fracos. No caso de laços ausentes, um dos elementos da rede pode funcionar como "ponte" entre outros dois elementos, tornando-se elemento chave para a existência de algum tipo de laço entre os elementos conectados a ele, mas não conectados entre si. Feita essa distinção, Granovetter dedica-se a comprovar que os laços fracos podem ser mais importantes para a consecução de bens individuais e coletivos do que os laços fortes.

Nesse ponto o autor parece conciliar as perspectivas de Coleman (1988) e Bourdieu (1998), uma vez que reconhece que a posição de um ator dentro da rede e a estrutura da mesma, pode promover benefícios tanto individuais como coletivos. Entende-se que na concepção de Granovetter a força existente nos laços de uma rede não é estritamente coletiva nem estritamente individual, ela serve a múltiplos interesses e, portanto, pode ser mobilizada por

<sup>5</sup> Granovetter (1973) utiliza o termo "acquaintance", por ter sido mencionado diversas vezes por seus entrevistados para se referirem a pessoas com as quais tinham menor proximidade.



toda a rede ou por apenas um de seus atores. O que importa para Granovetter é a configuração dos laços e o potencial de oportunidades e informações neles presentes, por isso em sua teoria da força dos laços exemplifica tanto sua mobilização individual como sua importância para a mobilização coletiva.

Segundo Granovetter (1973), há uma grande tendência de que as pessoas que estão ligadas por laços fortes a um indivíduo também estejam fortemente ligadas entre si, formando os círculos de amizades, ou no caso comunitário, as comunidades coesas. A questão que se coloca a esse formato de rede é a necessidade de angariar novas informações e recursos não disponíveis em seu interior, uma vez que seus estoques internos são compartilhados por todos, mas restritos em suas possibilidades. Diante dessa consideração é que Granovetter defende a força dos laços fracos, pois esses podem ligar uma rede a outras redes com informações e possibilidades diferentes.

Para exemplificar a força dos laços fracos para ganhos individuais Granovetter (1973) utiliza os dados de uma pesquisa sobre a alocação no mercado de trabalho. Segundo o autor, o conhecimento de uma vaga de emprego pode ocorrer através de amigos, de meios formais (como editais e anúncios) ou de "conhecidos". No primeiro caso o autor argumenta que, geralmente, os amigos envolvidos apenas em laços fortes possuem os mesmos canais de informação e, portanto, não serão capazes de fornecer nenhuma possibilidade nova uns aos outros. Os canais de informação oficiais são eficientes para a divulgação em massa, mas por esse motivo tornam as vagas mais competitivas e diminuem as chances de contratação imediata. Granovetter (1973) chega à conclusão de que o meio mais eficiente de se acessar uma vaga de emprego é o contato com laços fracos, como colegas de faculdade ou de um antigo trabalho. Isso porque essas pessoas possuem acesso a informações de outras redes sociais, aumentando as possibilidades disponíveis, e podem colocar o candidato em contato direto com o responsável pela contratação, diminuindo a competitividade. A importância dos laços sociais é ressaltada por Granovetter (1985) também em transações econômicas dentro de grandes mercados competitivos. O autor demonstra que as decisões das empresas, por vezes tomadas como fruto de cálculos utilitaristas racionais, são, na verdade, altamente influenciadas pela rede de contatos pessoais de seus dirigentes.

Do ponto de vista comunitário, Granovetter (1973) aponta que o grau de organização de uma comunidade não depende apenas da coesão interna, mas também da relação de confiança com o líder e da quantidade e importância dos laços fracos que ela estabelece para fora de sua rede, as suas "pontes". Segundo o autor a confiança nos líderes depende da capacidade que os membros do grupo têm de prever e influenciar seu comportamento. Nesse sentido, não basta que a comunidade seja formada por subgrupos coesos se eles não tiverem pelo menos um componente em

contato direto com a liderança. O papel desse componente é prestar informações sobre a confiabilidade do líder e interceder junto a ele pelas necessidades daqueles aos quais está ligado fortemente. Quanto à existência de laços fracos atuando como pontes, Granovetter afirma que um importante meio de gerá-los é a filiação a organizações, desde que essas não sejam compostas apenas por membros de uma mesma rede de laços fortes.

Correlacionando a teoria de Granovetter com as preocupações dos estudos sobre eficácia coletiva, considera-se que os recursos necessários para essa eficácia dependem ao mesmo tempo das relações sociais de dentro da comunidade e da comunidade com seu entorno. De acordo com Prates, Carvalhaes e Silva (2007), a situação mais favorável para a ação coletiva é o alto capital social aliado à existência de laços fracos. Para esses autores o capital social é recurso proveniente da credibilidade, confiança e solidariedade entre os membros de um grupo, portanto, um componente de laços fortes. Quanto aos laços fracos necessários para a organização coletiva, os autores acentuam que não basta que eles estejam presentes nos grupos, mas também que estejam bem posicionados na estrutura de poder, ligando o grupo a importantes canais de informação e benefícios. Dessa forma, os indivíduos estarão mais interessados em se mobilizarem coletivamente, uma vez que estão unidos por importantes laços fortes e são capazes de vislumbrar as possibilidades abertas pelos laços fracos.

### **Laços fortes e fracos: uma análise empírica**

A partir das considerações de Granovetter (1973; 1985); Prates, Carvalhaes e Silva (2007) e Portugal (2007) a noção de redes sociais é aqui trabalhada como uma ferramenta de análise social, que possibilita a compreensão de diferentes papéis desempenhados pelos atores e as diferentes possibilidades por eles proporcionados. A configuração dos laços existentes entre os atores participantes deste estudo é o foco principal desta discussão, a qual deposita maior atenção às categorias de laços fortes e fracos, como constituintes do capital social.

A rede de relações aqui identificada foi pensada, inicialmente, como uma forma de seleção de entrevistados para a pesquisa na qual este artigo se insere. Primeiramente foram entrevistados dois participantes da Comissão de Participação Popular do Drenurbs no bairro Primeiro de Maio, escolhidos aleatoriamente. Para a seleção dos demais entrevistados utilizou-se a técnica de indicação. Com base nesse procedimento, solicitou-se a cada entrevistado que indicasse mais três pessoas moradoras do mesmo bairro ou região e que pudessem responder à entrevista, o que gerou um total de setenta e seis pessoas entrevistadas. O desenvolvimento do trabalho demonstrou a possibilidade de utilizar a rede identificada como um instrumento analítico para a argumentação

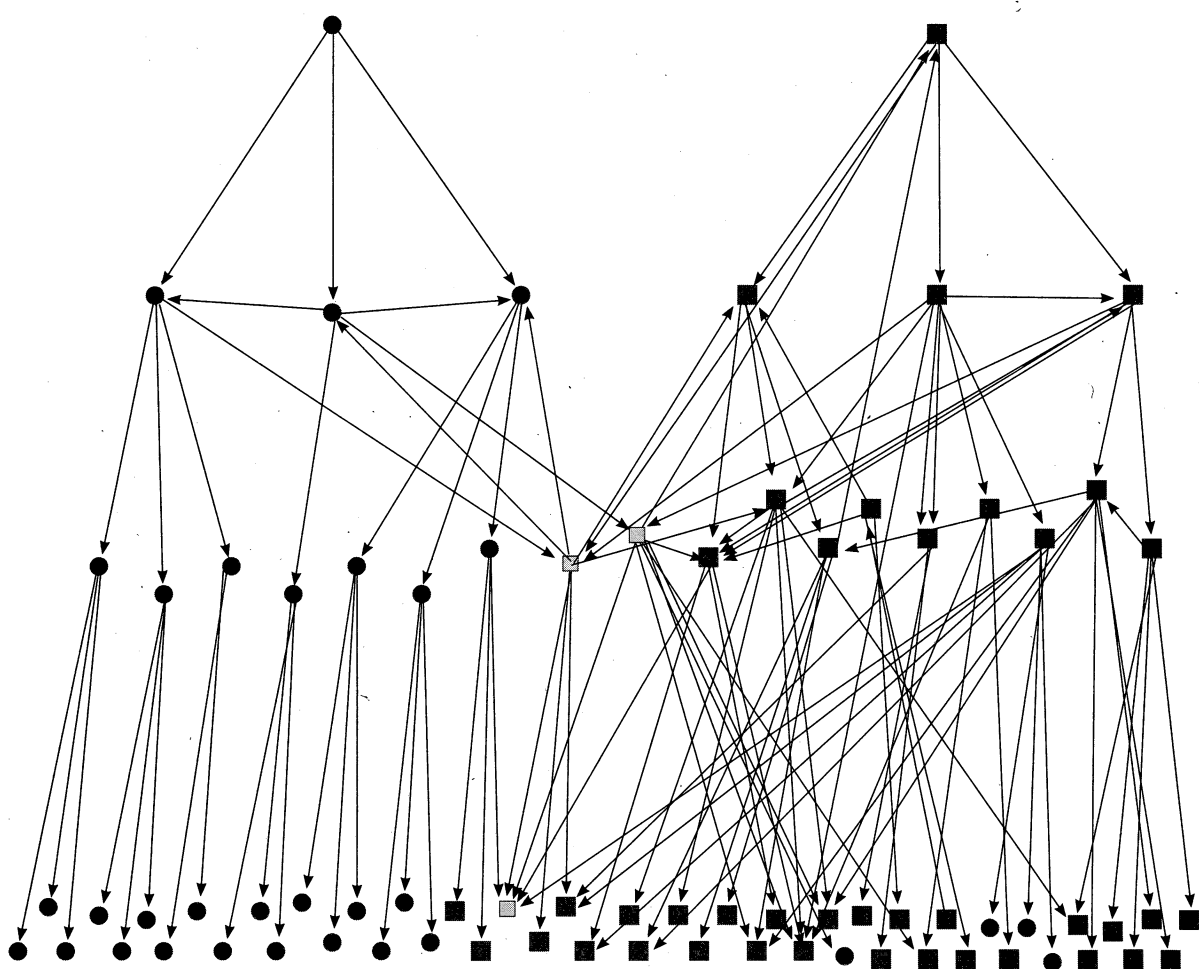
aqui pretendida. Essa possibilidade foi aberta devido às múltiplas indicações de um mesmo ator, gerando um entrelaçamento entre as indicações e não apenas uma cadeia de atores indicando três outros atores distintos. Dessa forma, a técnica que pretendia captar apenas uma estrutura simples de interconhecimento entre os sujeitos entrevistados, demonstrou características relevantes sobre a estrutura dos laços sociais presentes na comunidade.

Como ocorreram várias indicações para o mesmo ator, foi pedido aos entrevistados que indicassem outra pessoa que também pudesse ser entrevistada e ainda não tivesse sido indicada. Com o transcorrer das entrevistas o número de pessoas já indicadas limitava as opções de indicação dos últimos entrevistados. Isso fez com que algumas pessoas tivessem que citar até treze nomes para que fosse possível a identificação de três pessoas que ainda não tivessem figurado na lista de indicações. Pelo fato da pesquisa ter seguido uma ordem de indicação, o número de pessoas que um ator indicou não tem representatividade analítica, pois esse número poderia ser menor caso o contato com esse entrevistado tivesse ocorrido nos primeiros dias

de entrevista.

Por outro lado, o fato de terem sido registradas todas as indicações realizadas por um entrevistado, mesmo quando se referiam a pessoas já entrevistadas, torna o número de indicações que uma mesma pessoa recebeu um dado significativo para a análise estrutural da rede. Compreende-se que o número de vezes que um ator é indicado representa seu papel de referência dentro da comunidade. Durante as entrevistas observou-se uma tendência à indicação das pessoas consideradas lideranças na região, essas eram, portanto, indicadas em primeiro lugar. Ao serem informados que os líderes já haviam sido indicados, os moradores optavam por indicar vizinhos com maior proximidade, seja espacial, como "vizinhos de muro"; ou afetiva, como parentes e amigos.

O maior número de indicações múltiplas ocorreu entre os moradores da comunidade Canto das Águas<sup>6</sup>. A primeira indicação de entrevistados dessa comunidade foi feita por um morador não pertencente a ela. Em seguida, ao escolher aleatoriamente um membro da Comissão Drenurbs para iniciar uma segunda rede de indicações, foi selecionado



**Legenda:** ■ Moradores da Comunidade Canto das Águas ● Moradores de outra áreas do bairro

Figura 1: Sociograma da rede de relações identificada pela pesquisa.  
Fonte: Base de dados "indicações". Elaboração própria através do software Ucinet.

<sup>6</sup> "Canto das Águas" é um nome fictício. Até a década de 90 essa comunidade localizava-se em outra área do bairro, mas teve que ser removida do local em virtude de obras de infraestrutura urbana. Segundo seus atuais moradores alguns de seus vizinhos aceitaram a proposta da Prefeitura na época e se mudaram para outro bairro. Os atuais moradores iniciaram um processo de negociações com a Prefeitura, tendo a ajuda de autoridades religiosas da Igreja Católica sediada na região. Após esse período, restaram apenas cerca de quarenta famílias, que se obrigaram em escolas e apelaram até que a Prefeitura constrísse um conjunto habitacional no próprio bairro, o que ocorreu alguns anos mais tarde.



um membro dessa comunidade. O transcorrer das entrevistas mostrou que os moradores da comunidade Canto das Águas optavam por indicar apenas pessoas residentes na comunidade. Por se tratar de uma área com cerca de quarenta unidades habitacionais, em pouco tempo as opções de indicação se tornaram limitadas. Isso pareceu dificultar muito a escolha de indicados por parte dos moradores que responderam à entrevista mais ao final do processo. Observou-se que os moradores da Canto das Águas indicados por pessoas não moradoras da comunidade foram também os mais indicados entre os membros da comunidade. Durante a entrevista com os mesmos, verificou-se que eles eram os líderes da associação da comunidade, da qual grande parte dos membros de Canto das Águas faz parte.

Para o tratamento dessas informações, os dados referentes às indicações dos atores foram inseridos no software Ucinet<sup>7</sup>, o qual possibilitou a construção do sociograma referente à rede identificada, como mostra a Figura 1.

Percebe-se claramente a existência de maior número de conexões, portanto, de maior número de indicação dos mesmos atores, entre os membros da comunidade Canto das Águas. Pode-se verificar também a preferência dos moradores da comunidade Canto das Águas em indicar para a pesquisa outros membros de sua comunidade. Observa-se que, entre os indicados pelos moradores dessa comunidade, apenas quatro residiam em outras regiões do

Primeiro de Maio, os quais foram indicados apenas na última etapa de entrevistas, o que também comprova a preferência pela indicação de pessoas internas à comunidade. Por estarem na quarta etapa de indicação, esses atores não indicaram outras pessoas para a entrevista, não podendo ser verificada a importância dos mesmos como pontes para outras redes extra-comunidade. A ligação efetiva entre a rede representada pelos quadrados e a representada pelos círculos ocorreu, portanto, através dos membros da comunidade Canto das Águas indicados por moradores de outras regiões do Primeiro de Maio.

Nesse sentido e de acordo com as conceituações de Granovetter (1973), os "nós" representados em tom mais claro têm a função de pontes devido à ausência de outras ligações entre as redes formadas por moradores da comunidade Canto das Águas e por moradores de outras áreas do bairro. Isso significa que, nos padrões da rede estudada, a transição de informações e ganhos através dos dois subgrupos encontrados só seria possível pelo intermédio desses três atores. Dessa forma, eles exercem um poder de mediação, como descrito por Marteleto (2001). Para essa autora os intermediadores não apenas facilitam a circulação de informações dentro de uma rede, mas também podem determinar o trajeto que as informações irão percorrer. Esses atores são, portanto, os mais independentes dentro da rede, pois estão ligados diretamente a muitos outros atores, dispensando a necessidade de intermediários. Essas pessoas seriam, de acordo com Marteleto, lideranças de destaque dentro da rede que atrairiam para si a atenção dos demais atores. Tal argumento se concretiza na rede em questão uma vez que, entre os três atores mais indicados, dois são os líderes da associação da comunidade Canto das Águas.

Por terem sido indicados tanto pelos moradores externos à comunidade Canto das Águas, admite-se que esses líderes são altamente reconhecidos entre seus pares e detêm informações externas que podem ser essenciais para a comunidade. Marteleto (2001) afirma que, por possuir grande variedade de informações, essas lideranças são reconhecidas como fontes estratégicas para a ação comunitária e referências capazes de aumentar a mobilização da rede. Esse reconhecimento da liderança é crucial para o bom desempenho das ações coletivas, como afirma Granovetter (1973). Seguindo o pensamento desse autor, o fato de grande parte dos moradores da comunidade ter indicado os líderes ou indicado alguém que os indicou mostra a existência de canais importantes para a reivindicação e previsão das ações das lideranças. Esses dois fatores, quando aliados com a quantidade e importância dos laços fracos, são determinantes para a organização comunitária.

Quando se analisa a configuração de rede encontrada a partir da preocupação com o papel dos laços fracos percebe-se que na comunidade Canto das Águas há uma maior dificuldade em estabelecê-los. A existência de múltiplas indicações para os mesmos atores dentro da

<sup>7</sup> Software elaborado por Borgatti, Everett e Freeman (2002) para a análise de redes sociais.

comunidade e o sentimento de pertencimento comunitário demonstrado pelos membros de Canto das Águas é um forte indicador de coesão e dos fatores de capital social, como indicados por Prates, Carvalhaes e Silva (2007), sejam eles: credibilidade, confiança e solidariedade. Entretanto, podem também demonstrar certa desconfiança e descrédito em relação aos moradores externos à comunidade. Faz-se necessário, portanto, investigar a existência de laços fracos importantes dentro da comunidade, além das pontes realizadas por suas lideranças.

Para Granovetter (1973) um importante formador de laços fracos é a filiação a associações, desde que essas também não tenham caráter homogêneo. O associativismo foi, por essa razão, uma das variáveis presentes no questionário aplicado aos setenta e seis membros da rede. Dos 44 entrevistados na comunidade Canto das Águas, 47,7% afirmaram não participar de nenhum grupo ou associação, enquanto entre os outros 32 entrevistados, 28,1% afirmaram não participar. Dos 23 integrantes de Canto das Águas que participavam de pelo menos um grupo ou associação, 17 (73,91%) eram membros da associação dos moradores da comunidade e 11 (47,83%) integrantes de pastorais da Igreja Católica, ligadas à sede da igreja existente dentro da comunidade. A associação de moradores e as pastorais são, portanto, os grandes pólos de filiação entre as pessoas residentes na comunidade. Dos demais tipos de associações mencionadas pelos moradores de Canto das Águas apenas cinco se referiam a associações de caráter não restrito à comunidade, sendo que cada uma delas foi citada por apenas um entrevistado, com exceção da Comissão Drenurbs, da qual quatro dos entrevistados nessa comunidade afirmaram participar.

A análise do padrão associativo da comunidade Canto das Águas mostra uma forte vinculação a grupos formados também por membros da comunidade. Por outro lado, o padrão associativo dos demais entrevistados mostrou-se altamente difuso, compondo um total de quarenta e dois grupos mencionados. Como consideração preliminar é possível a afirmativa de que a comunidade Canto das Águas tem maior fragilidade estrutural, devido à baixa propensão à atuação da força dos laços fracos. Em contrapartida, os demais membros da rede identificada estariam ligados em importantes laços fracos, capazes de lhes proporcionar maior multiplicidade de informações e oportunidades. Ao se considerar a identificação de uma rede única, essa poderia também ser beneficiada pela combinação dos laços fortes da comunidade Canto das Águas com os laços fracos, ricos em informações, existentes entre os demais

moradores do bairro.

## Considerações finais

A estrutura dos laços sociais da comunidade Canto das Águas mostra, além da alta coesão, a dependência dos moradores em relação às lideranças locais. Se adotada a perspectiva de Granovetter (1973), pode-se afirmar que caso esses líderes se ausentem a comunidade perderá suas conexões mais importantes com as informações e oportunidades externas. Mesmo que eles sejam substituídos por outras lideranças no futuro, o número limitado de laços fracos partindo dos outros membros da comunidade perpetuará a dependência dos mesmos. O incentivo à participação dos membros da comunidade em grupos externos a ela seria uma ação importante no sentido de difundir seus laços fracos. Por outro lado, a manutenção do sentimento de pertencimento à comunidade é um fator importante para que ela mantenha seus laços fortes, também significativos para o sucesso de ações coletivas.

O estudo dessa rede aponta uma questão relevante tanto a nível micro, como macrossocial. Qualquer que seja a dimensão em questão, de pequenos grupos a países, o grande desafio para a consecução de ganhos coletivos é garantir a coesão e apoio interno ao mesmo tempo em que se estabelecem relações com setores importantes da comunidade externa. Retoma-se, nesse sentido, a necessidade de se aliar o capital social a fatores de laços fracos, como já apontado por Prates, Carvalhaes e Silva (2007). Segundo Reis (2003), o entendimento do capital social como um componente exclusivo de laços fortes pode configurar uma situação social em nada condizente com a vitalidade democrática. Reconhecendo esse fator, há de se considerar também, como aponta esse autor, a neutralidade moral do conceito de capital social, ou seja, o capital social pode ser também um atributo de comunidades fechadas que podem até recusar o apoio à democracia. Stolle e Rochon, citados por Reis (2003), apontam que quanto maior a diversidade dos membros de uma associação maior é o seu impacto sobre a confiança generalizada. Isso porque essa forma de associação gera interdependência entre membros de subgrupos diferentes dentro da sociedade, gerando, por conseguinte, interdependência entre esses grupos, o que aumenta significativamente a propensão a confiar e cooperar. Por essa razão, a integração das noções de laços fracos à teoria do capital social é imprescindível para as pesquisas que pretendem relacioná-lo à vitalidade democrática, como fez Putnam (2002).

Submetido em abril de 2010

Aprovado em maio de 2010

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Jakson Alves de. (2000), "As teorias da ação social de Coleman e de Bourdieu". *Humanidades e Ciências Sociais*, 2, 2.
- BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. (2002), *Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis*. Massachusetts: Harvard.
- BOURDIEU, Pierre. (1998), "O capital social: notas provisórias", in NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio, *Escritos de educação*, Petrópolis, Vozes.
- CASTELLS, Manuel. (2005), *A sociedade em rede*. 8ª edição, v.1, São Paulo, Paz e Terra.
- COLEMAN, J. S. (1988), "Social Capital in the Creation of Human Capital". *The American Journal of Sociology*, 94, Supplement: S95-S120.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. (2003), *Capital Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Passo-a-passo, 25.
- GRANOVETTER, Mark S. (1985), "Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness". *The American Journal of Sociology*, 91, 3, p. 481-510.
- \_\_\_\_\_. (1973), "The strength of weak ties". *The American Journal of Sociology*, 78, 6, p. 360-380.
- MARTELETO, Regina Maria. (2001), "Análise de redes sociais: Aplicação nos estudos de transferência de informação". *Ciência da Informação*, 30, 1, p. 71-81.
- ORTIZ, Renato (orgs) (1994), *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo, Ática, Coleção Grandes cientistas sociais, 39.
- PORTUGAL, Sílvia. (2007), "Contributos para a discussão do conceito de rede na teoria sociológica". *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, 271.
- PRATES, Antônio Augusto Pereira; CARVALHAES, Flávio Alex de Oliveira; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. (2007), "Capital social e redes sociais: conceitos redundantes ou complementares?", in AGUIAR, Neuma (org.), *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- PUTNAM, Robert. (2002), *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- PUTNAM, Robert; GOSS, Kristin A. (2003), "Introducción", in PUTNAM, Robert (ed.), *El declive del capital social: um estudo internacional sobre las sociedades y el sentido comunitario*, Barcelona, Galaxia Gutemberg.
- REIS, Bruno Pinheiro W. (2003), "Capital social e confiança: questões de teoria e método". *Revista de Sociologia e Política*, 2, p. 35-49.